

## DOMINGO X DO TEMPO COMUM

### CIC 410-412: o proto-Evangelho

- 410** Depois da queda, o homem não foi abandonado por Deus. Pelo contrário, Deus chamou-o<sup>1</sup> e anunciou-lhe, de modo misterioso, que venceria o mal e se levantaria da queda<sup>2</sup>. Esta passagem do Génesis tem sido chamada «proto-Evangelho» por ser o primeiro anúncio do Messias redentor, do combate entre a Serpente e a Mulher, e da vitória final dum descendente desta.
- 411** A Tradição cristã vê nesta passagem um anúncio do «novo Adão»<sup>3</sup>, que, pela sua «obediência até à morte de cruz» (*Fl* 2, 8), repara superabundantemente a desobediência de Adão<sup>4</sup>. Por outro lado, muitos santos Padres e Doutores da Igreja vêem na mulher, anunciada no proto-Evangelho, a Mãe de Cristo, Maria, como «nova Eva». Ela foi a primeira a beneficiar, dum modo único, da vitória sobre o pecado alcançada por Cristo: foi preservada de toda a mancha do pecado original<sup>5</sup> e, durante toda a sua vida terrena, por uma graça especial de Deus, não cometeu qualquer espécie de pecado<sup>6</sup>.
- 412** Mas *porque é que Deus não impediu o primeiro homem de pecar?* São Leão Magno responde: «A graça inefável de Cristo deu-nos bens superiores aos que a inveja do demónio nos tinha tirado»<sup>7</sup>. E São Tomás de Aquino: «Nada se opõe a que a natureza humana tenha sido destinada a um fim mais alto depois do pecado. Efectivamente, Deus permite que os males aconteçam para deles tirar um bem maior. Daí a palavra de São Paulo: “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20). Por isso, na bênção do círio pascal canta-se: “Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor!”»<sup>8</sup>.

### CIC 374-379: o homem no paraíso

- 374** O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a criação que o rodeava; amizade e harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo.

<sup>1</sup> Cf. *Gn* 3, 9.

<sup>2</sup> Cf. *Gn* 3, 15.

<sup>3</sup> Cf. *1 Cor* 15, 21-22.45.

<sup>4</sup> Cf. *Rm* 5, 19-20.

<sup>5</sup> Cf. Pio IX, Bulla *Ineffabilis Deus*: DS 2803.

<sup>6</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, canon 23: DS 1573.

<sup>7</sup> SÃO LEÃO MAGNO, *Sermo* 73, 4: CCL 88A, 453 (PL 54, 151).

<sup>8</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 1, a. 3, ad 3: Ed. leon. 11, 14; as palavras aqui citadas por São Tomás cantam-se no Precónio pascal «Exsultet».

- 375 A Igreja, interpretando de modo autêntico o simbolismo da linguagem bíblica à luz do Novo Testamento e da Tradição, ensina que os nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram constituídos num estado de santidade e de justiça originais<sup>9</sup>. Esta graça da santidade original era uma participação na vida divina<sup>10</sup>.
- 376 Todas as dimensões da vida do homem eram fortalecidas pela irradiação desta graça. Enquanto permanecesse na intimidade divina, o homem não devia nem morrer<sup>11</sup>, nem sofrer<sup>12</sup>. A harmonia interior da pessoa humana, a harmonia entre o homem e a mulher<sup>13</sup>, enfim, a harmonia entre o primeiro casal e toda a criação, constituía o estado dito «de justiça original».
- 377 O «domínio» do mundo, que Deus tinha concedido ao homem desde o princípio, realizava-se, antes de mais, no próprio homem como *domínio de si*. O homem era integrado e ordenado em todo o seu ser, porque livre da tríplice concupiscência<sup>14</sup>, que o sujeita aos prazeres dos sentidos, à ambição dos bens terrenos e à afirmação de si contra os imperativos da razão.
- 378 Sinal da familiaridade com Deus é o facto de Deus o colocar no jardim<sup>15</sup>. Ali vive «a fim de o cultivar e guardar» (*Gn 2, 15*): o trabalho não é um castigo<sup>16</sup>, mas a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível.
- 379 Toda esta harmonia da justiça original, prevista para o homem pelo plano de Deus, será perdida pelo pecado dos nossos primeiros pais.

#### CIC 385-409: a Queda

- 385 Deus é infinitamente bom e todas as suas obras são boas. No entanto, ninguém escapa à experiência do sofrimento, dos males da natureza – que aparecem como ligados aos limites próprios das criaturas –, e sobretudo à questão do mal moral. Donde vem o mal? «*Quaerebam unde malum et non erat exitus* – Procurava a origem do mal e não encontrava solução», diz Santo Agostinho<sup>17</sup>. A sua própria busca dolorosa só encontrará saída na conversão ao Deus vivo. Porque «o mistério da iniquidade» (*2 Ts 2, 7*) só se esclarece à luz do «mistério da piedade»<sup>18</sup>. A revelação do amor divino em Cristo manifestou, ao mesmo tempo, a extensão do mal e a superabundância da graça<sup>19</sup>. Devemos, portanto, abordar a questão da origem do mal, fixando o olhar da nossa fé n'Aquele que é o seu único vencedor<sup>20</sup>.

<sup>9</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511.

<sup>10</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

<sup>11</sup> Cf. *Gn 2, 17*; *3, 19*.

<sup>12</sup> Cf. *Gn 3, 16*.

<sup>13</sup> Cf. *Gn 2, 25*.

<sup>14</sup> Cf. *1 Jo 2, 16*.

<sup>15</sup> Cf. *Gn 2, 8*.

<sup>16</sup> Cf. *Gn 3, 17-19*.

<sup>17</sup> SANTO AGOSTINHO, *Confessiones* 7, 7, 11: CCL 27, 99 (PL 32, 739).

<sup>18</sup> Cf. *1 Tm 3, 16*.

<sup>19</sup> Cf. *Rm 5, 20*.

<sup>20</sup> Cf. *Lc 11, 21-22*; *Jo 16, 11*; *1 Jo 3, 8*.

- 386** O pecado está presente na história do homem. Seria vão tentar ignorá-lo ou dar outros nomes a esta obscura realidade. Para tentar compreender o que é o pecado, temos primeiro de reconhecer o *laço profundo que une o homem a Deus*, porque, fora desta relação, o mal do pecado não é desmascarado na sua verdadeira identidade de recusa e oposição a Deus, embora continue a pesar na vida do homem e na história.
- 387** A realidade do pecado e, dum modo particular, a do pecado das origens, só se esclarece à luz da Revelação divina. Sem o conhecimento que esta nos dá de Deus, não se pode reconhecer claramente o pecado, e somos tentados a explicá-lo unicamente como falta de maturidade, fraqueza psicológica, erro, consequência necessária duma estrutura social inadequada, etc.. Só no conhecimento do desígnio de Deus sobre o homem é que se compreende que o pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-Lo e amarem-se mutuamente.
- 388** Com o progresso da Revelação, vai-se esclarecendo também a realidade do pecado. Embora o povo de Deus do Antigo Testamento tenha abordado a dor da condição humana à luz da história da queda narrada no Génesis, não podia atingir o significado último dessa história, o qual só se manifesta à luz da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo<sup>21</sup>. É preciso conhecer Cristo como fonte da graça para reconhecer Adão como fonte do pecado. Foi o Espírito Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado, que veio «confundir o mundo em matéria de pecado» (Jo 16, 8), revelando Aquele que é o seu redentor.
- 389** A doutrina do pecado original é, por assim dizer, «o reverso» da Boa-Nova de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos têm necessidade da salvação e de que a salvação é oferecida a todos, graças a Cristo. A Igreja, que tem o sentido de Cristo<sup>22</sup>, sabe bem que não pode tocar-se na revelação do pecado original sem atentar contra o mistério de Cristo.
- 390** A narrativa da queda (Gn 3) utiliza uma linguagem feita de imagens, mas afirma um acontecimento primordial, um facto que teve lugar *no princípio da história do homem*<sup>23</sup>. A Revelação dá-nos uma certeza de fé de que toda a história humana está marcada pela falta original, livremente cometida pelos nossos primeiros pais<sup>24</sup>.
- 391** Por detrás da opção de desobediência dos nossos primeiros pais, há uma voz sedutora, oposta a Deus<sup>25</sup>, a qual, por inveja, os faz cair na morte<sup>26</sup>. A Escritura e a Tradição da Igreja vêem neste ser um anjo decaído, chamado Satanás ou Diabo<sup>27</sup>. Segundo o ensinamento da Igreja, ele foi primeiro um anjo bom, criado

<sup>21</sup> Cf. Rm 5, 12-21.

<sup>22</sup> Cf. 1 Cor 2, 16.

<sup>23</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 13: AAS 58 (1966) 1034-1035.

<sup>24</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513; Pio XII, Enc. *Humani generis*: DS 3897; PAULO VI, *Alocução aos participantes no «simpósio» teológico sobre o pecado original* (11 de Julho de 1966): AAS 58 (1966) 649-655.

<sup>25</sup> Cf. Gn 3, 1-5.

<sup>26</sup> Cf. Sb 2, 24.

<sup>27</sup> Cf. Jo 8, 44; Ap 12, 9.

por Deus. «*Diabolus enim et alii daemones a Deo quidem natura creati sunt boni, sed ipsi per se facti sunt mali* – De facto, o Diabo e os outros demónios foram por Deus criados naturalmente bons; mas eles, por si, é que se fizeram maus»<sup>28</sup>.

- 392** A Escritura fala dum *pecado* destes anjos<sup>29</sup>. A *queda* consiste na livre opção destes espíritos criados, que radical e irrevogavelmente *recusaram* Deus e o seu Reino. Encontramos um reflexo desta rebelião nas palavras do tentador aos nossos primeiros pais: «Sereis como Deus» (*Gn 3, 5*). O Diabo é «pecador desde o princípio» (*1 Jo 3, 8*), «pai da mentira» (*Jo 8, 44*).
- 393** É o carácter *irrevogável* da sua opção, e não uma falha da infinita misericórdia de Deus, que faz com que o pecado dos anjos não possa ser perdoado. «Não há arrependimento para eles depois da queda, tal como não há arrependimento para os homens depois da morte»<sup>30</sup>.
- 394** A Escritura atesta a influência nefasta daquele que Jesus chama «o assassino desde o princípio» (*Jo 8, 44*), e que chegou ao ponto de tentar desviar Jesus da missão recebida do Pai<sup>31</sup>. «Foi para destruir as obras do Diabo que apareceu o Filho de Deus» (*1 Jo 3, 8*). Dessas obras, a mais grave em consequências foi a mentirosa sedução que induziu o homem a desobedecer a Deus.
- 395** No entanto, o poder de Satanás não é infinito. Satanás é uma simples criatura, poderosa pelo facto de ser puro espírito, mas, de qualquer modo, criatura: impotente para impedir a edificação do Reino de Deus. Embora Satanás exerça no mundo a sua acção, por ódio contra Deus e o seu reinado em Jesus Cristo, e embora a sua acção cause graves prejuízos – de natureza espiritual e indirectamente, também, de natureza física – a cada homem e à sociedade, essa acção é permitida pela divina Providência, que com força e suavidade dirige a história do homem e do mundo. A permissão divina da actividade diabólica é um grande mistério. Mas «nós sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rm 8, 28*).
- 396** Deus criou o homem «à sua imagem» e constituiu-o na sua amizade. Criatura espiritual, o homem só pode viver esta amizade na modalidade da livre submissão a Deus. É isso o que exprime a proibição feita ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, «pois no dia em que o comeres, morrerás» (*Gn 2, 17*). A «árvore de conhecer o bem e o mal» (*Gn 2, 17*) evoca simbolicamente o limite intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e confiadamente respeitar. O homem depende do Criador. Está sujeito às leis da criação e às normas morais que regulam o exercício da liberdade.
- 397** Tentado pelo Diabo, o homem deixou morrer no coração a confiança no seu Criador<sup>32</sup>. Abusando da liberdade, *desobedeceu* ao mandamento de Deus. Nisso

<sup>28</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO (ano 1215), Cap. 1, *De fide catholica*: DS 800.

<sup>29</sup> Cf. *2 Pe 2, 4*.

<sup>30</sup> SÃO JOÃO DAMASCENO, *Expositio fidei* [*De fide orthodoxa 2, 4*]: PTS 12, 50 (PG 94, 877).

<sup>31</sup> Cf. *Mt 4, 1-11*.

<sup>32</sup> Cf. *Gn 3, 1-11*.

consistiu o primeiro pecado do homem<sup>33</sup>. Daí em diante, todo o pecado será uma desobediência a Deus e uma falta de confiança na sua bondade.

- 398** Neste pecado, o homem *preferiu-se* a si próprio a Deus, e por isso desprezou Deus: optou por si próprio contra Deus, contra as exigências da sua condição de criatura e, daí, contra o seu próprio bem. Constituído num estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente «divinizado» por Deus na glória. Pela sedução do Diabo, quis «ser como Deus»<sup>34</sup>, mas «sem Deus, em vez de Deus, e não segundo Deus»<sup>35</sup>.
- 399** A Escritura refere as consequências dramáticas desta primeira desobediência: Adão e Eva perdem imediatamente a graça da santidade original<sup>36</sup>. Têm medo daquele Deus<sup>37</sup> de quem se fizeram uma falsa imagem: a dum Deus ciumento das suas prerrogativas<sup>38</sup>.
- 400** A harmonia em que viviam, graças à justiça original, ficou destruída; o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo foi quebrado<sup>39</sup>; a união do homem e da mulher ficou sujeita a tensões<sup>40</sup>; as suas relações serão marcadas pela avidez e pelo domínio<sup>41</sup>. A harmonia com a criação desfez-se: a criação visível tornou-se, para o homem, estranha e hostil<sup>42</sup>. Por causa do homem, a criação ficou sujeita «à servidão da corrupção»<sup>43</sup>. Enfim, vai concretizar-se a consequência explicitamente anunciada para o caso da desobediência<sup>44</sup>: o homem «voltará ao pó de que foi formado»<sup>45</sup>. *A morte faz a sua entrada na história da humanidade*<sup>46</sup>.
- 401** A partir deste primeiro pecado, uma verdadeira «invasão» de pecado inunda o mundo: o fratricídio cometido por Caim na pessoa de Abel<sup>47</sup>; a corrupção universal como consequência do pecado<sup>48</sup>. Na história de Israel, o pecado manifesta-se com frequência, sobretudo como uma infidelidade ao Deus da Aliança e como transgressão da lei de Moisés. Mesmo depois da redenção de Cristo, o pecado manifesta-se de muitas maneiras entre os cristãos<sup>49</sup>. A Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja não se cansam de lembrar a presença e a *universalidade do pecado na história do homem*.

«O que a Revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do seu próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir do seu Criador, que é bom.

<sup>33</sup> Cf. *Rm* 5, 19.

<sup>34</sup> Cf. *Gn* 3, 5.

<sup>35</sup> SÃO MÁXIMO O CONFESSOR, *Ambiguorum liber*: PG 91, 1156.

<sup>36</sup> Cf. *Rm* 3, 23.

<sup>37</sup> Cf. *Gn* 3, 9-10.

<sup>38</sup> Cf. *Gn* 3, 5.

<sup>39</sup> Cf. *Gn* 3, 7.

<sup>40</sup> Cf. *Gn* 3, 11-13.

<sup>41</sup> Cf. *Gn* 3, 16.

<sup>42</sup> Cf. *Gn* 3, 17.19.

<sup>43</sup> Cf. *Rm* 8, 20.

<sup>44</sup> Cf. *Gn* 2, 17.

<sup>45</sup> Cf. *Gn* 3, 19.

<sup>46</sup> Cf. *Rm* 5, 12.

<sup>47</sup> Cf. *Gn* 4, 3-15.

<sup>48</sup> Cf. *Gn* 6, 5.12; *Rm* 1, 18-32.

<sup>49</sup> Cf. *1 Cor* 1-6; *Ap* 2-3.

Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, o homem perturbou por isso mesmo a sua ordenação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a harmonia consigo próprio, com os outros homens e com toda a criação»<sup>50</sup>.

- 402** Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. É São Paulo quem o afirma: «pela desobediência de um só homem, muitos (quer dizer, a totalidade dos homens) se tornaram pecadores» (*Rm* 5, 19); «Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram» (*Rm* 5, 12). À universalidade do pecado e da morte, o Apóstolo opõe a universalidade da salvação em Cristo: «Assim como, pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só [Cristo], virá para todos a justificação que dá a vida» (*Rm* 5, 18).
- 403** Depois de São Paulo, a Igreja sempre ensinou que a imensa miséria que oprime os homens, e a sua inclinação para o mal e para a morte não se compreendem sem a ligação com o pecado de Adão e o facto de ele nos ter transmitido um pecado de que todos nascemos infectados e que é «morte da alma»<sup>51</sup>. A partir desta certeza de fé, a Igreja confere o Baptismo para a remissão dos pecados, mesmo às crianças que não cometeram qualquer pecado pessoal<sup>52</sup>.
- 404** Como é que o pecado de Adão se tornou o pecado de todos os seus descendentes? Todo o género humano é, em Adão, «*sicut unum corpus unius hominis* – como um só corpo dum único homem»<sup>53</sup>. Em virtude desta «unidade do género humano», todos os homens estão implicados no pecado de Adão, do mesmo modo que todos estão implicados na justificação de Cristo. Todavia, a transmissão do pecado original é um mistério que nós não podemos compreender plenamente. Mas sabemos, pela Revelação, que Adão tinha recebido a santidade e a justiça originais, não só para si, mas para toda a natureza humana; consentindo na tentação, Adão e Eva cometeram um *pecado pessoal*, mas este pecado afecta a *natureza humana* que eles vão transmitir *num estado decaído*<sup>54</sup>. É um pecado que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. É por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um acto.
- 405** Embora próprio de cada um<sup>55</sup>, o pecado original não tem, em qualquer descendente de Adão, carácter de falta pessoal. É a privação da santidade e justiça originais, mas a natureza humana não se encontra totalmente corrompida: está ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (inclinação para o mal, que se chama *concupiscência*). O Baptismo, ao conferir a vida da graça de Cristo, apaga o pecado original e reorienta o homem para Deus, mas as consequências

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 13: AAS 58 (1966) 1035.

<sup>51</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 2: DS 1512.

<sup>52</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 4: DS 1514.

<sup>53</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones disputatae de malo*, 4, 1, c.: Ed. Leon. 23, 105.

<sup>54</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1-2: DS 1511-1512.

<sup>55</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513.

para a natureza, enfraquecida e inclinada para o mal, persistem no homem e convidam-no ao combate espiritual.

**406** A doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original foi definida sobretudo no século V, particularmente sob o impulso da reflexão de Santo Agostinho contra o pelagianismo, e no século XVI, por oposição à Reforma protestante. Pelágio sustentava que o homem podia, pela força natural da sua vontade livre, sem a ajuda necessária da graça de Deus, levar uma vida moralmente boa; reduzia a influência do pecado de Adão à de um simples mau exemplo. Os primeiros reformadores protestantes, pelo contrário, ensinavam que o homem estava radicalmente pervertido e a sua liberdade anulada pelo pecado das origens; identificavam o pecado herdado por cada homem com a tendência para o mal («concupiscência»), a qual seria invencível. A Igreja pronunciou-se especialmente sobre o sentido do dado revelado, quanto ao pecado original, no segundo Concílio de Orange em 529<sup>56</sup> e no Concílio de Trento em 1546<sup>57</sup>.

**407** A doutrina sobre o pecado original – ligada à da redenção por Cristo – proporciona uma visão de lúcido discernimento sobre a situação do homem e da sua acção neste mundo. Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu um certo domínio sobre o homem, embora este permanecesse livre. O pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do Diabo»<sup>58</sup>. Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da acção social<sup>59</sup> e dos costumes.

**408** As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens dão ao mundo, no seu conjunto, uma condição pecadora, que pode ser designada pela expressão de São João «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29). Esta expressão significa também a influência negativa que as situações comunitárias e as estruturas sociais, que são o fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas<sup>60</sup>.

**409** Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do Maligno» (1 *Jo* 5, 19)<sup>61</sup>, transforma a vida do homem num combate:

«Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há-de durar – o Senhor no-lo disse – até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior»<sup>62</sup>.

<sup>56</sup> II CONCÍLIO DE ORANGE, Canones 1-2: DS 371-372.

<sup>57</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*: DS 1510-1516.

<sup>58</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511; cf. *Heb* 2, 14.

<sup>59</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 25: AAS 83 (1991) 823-824.

<sup>60</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Reconciliatio et paenitentia*, 16: AAS 77 (1985) 213-217.

<sup>61</sup> Cf. *1 Pe* 5, 8.

<sup>62</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 37: AAS 58 (1966) 1055.

## CIC 517, 550: Cristo, o exorcista

- 517** Toda a vida de Cristo é mistério de *redenção*. A redenção vem-nos, antes de mais, pelo sangue da cruz<sup>63</sup>. Mas este mistério está actuante em toda a vida de Cristo: já na sua Encarnação, pela qual, fazendo-Se pobre, nos enriquece com a sua pobreza<sup>64</sup>; na vida oculta que, pela sua obediência<sup>65</sup>, repara a nossa insubmissão; na palavra que purifica os seus ouvintes<sup>66</sup>; nas curas e expulsões dos demónios, pelas quais «toma sobre Si as nossas enfermidades e carrega com as nossas doenças» (*Mt* 8, 17)<sup>67</sup>; na ressurreição, pela qual nos justifica<sup>68</sup>.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>69</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (*Mt* 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>70</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»<sup>71</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>72</sup>.

<sup>63</sup> Cf. *Ef* 1, 7; *Cl* 1, 13-14 (Vulgata); *1 Pe* 1, 18-19.

<sup>64</sup> Cf. *2 Cor* 8, 9.

<sup>65</sup> Cf. *Lc* 2, 51.

<sup>66</sup> Cf. *Jo* 15, 3.

<sup>67</sup> Cf. *Is* 53, 4.

<sup>68</sup> Cf. *Rm* 4, 25.

<sup>69</sup> Cf. *Mt* 12, 26.

<sup>70</sup> Cf. *Lc* 8, 26-39.

<sup>71</sup> Cf. *Jo* 12, 31.

<sup>72</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).